

A 3 de setembro de 1759, um ano depois do atentado a D. José, Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal, publica o decreto que ordenava a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e demais domínios ultramarinos. A animosidade há muito sentida pela Ordem pode finalmente ser libertada, a pretexto de os Jesuítas estarem implicados na conspiração do regicídio. Com esta medida, pode Sebastião José acabar com a interferência que considera nefasta, em aspetos tão sensíveis como a questão das missões no Brasil e a influência que exerciam na vida política, social, educativa e espiritual do nosso país.

Esta lei levou ao cárcere largas centenas de jesuítas e à deportação de outros tantos para os Estados Pontifícios, onde acabam na mais completa miséria.

O feito já por si grave, acaba por ter consequências maiores quando é seguido por vários monarcas europeus, como é o caso dos reis da França e da Espanha, entre outros.

Com o pano de fundo montado, inicia-se uma teia de conspirações e intrigas políticas por parte dos inimigos da Companhia que tem por desfecho o breve de supressão *Dominus ac Redemptor*, publicado a 21 de julho de 1773, pelo papa Clemente XIV.



Com a extinção da Ordem, os 23 mil membros da Companhia vivem momentos difíceis. Contrariando o destino, encontram a sobrevivência

## A viagem

---

graças a dois protetores improváveis: Frederico da Prússia e Catarina II da Rússia. São eles que fazem permanecer a Companhia viva, não por motivos religiosos, até porque nenhum professa a religião católica, mas antes porque pretendiam continuar a fazer uso da educação e ensino jesuítico nos seus territórios. É, pois, com esse fim em vista que Catarina recusa a promulgação do breve no seu país e ao fazê-lo possibilita a sobrevivência da Companhia. E é com este reduto de jesuítas de nacionalidades diversas que se inicia o processo de reconstrução que acaba por acontecer a 7 de agosto de 1814 quando Pio VII decreta a restauração universal da Companhia com a Bula *Sollicitudo omnium ecclesiarum*.

Não é imediato o regresso da Companhia de Jesus a Portugal. Este dar-se-á a convite de D. Miguel, em 1829. Três anos depois entrega-lhes o *Colégio das Artes*, em Coimbra. Mas, surpreendidos pela Guerra Civil, veem o projeto interrompido quando a cidade é invadida pelo exército liberal, em 1834. Terminado o conflito com a vitória de D. Pedro, interessa uma vez mais ao poder político diminuir o poder da Igreja e, nesse contexto, é promulgado o decreto de 30 de maio de 1834, de Joaquim António de Aguiar que pretendia a extinção de "todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos" do país. Assiste-se assim a uma nova prisão e ao desterro dos jesuítas para Itália.

O reatar das relações com a Santa Sé, em 1841 e da Concordata em 1848, permitiu a entrada discreta das ordens religiosas no país. A primeira a fazê-lo é a Companhia de Jesus, através de Carlos João Rademaker e dois outros companheiros, em agosto de 1848. Dividindo-se entre as atividades religiosas e a educação de jovens por vários colégios da capital é convidado, em 1853, a assumir o *Instituto da Caridade* dos ingleses, que protegia crianças de fracos recursos.

Com o propósito de restaurar a Companhia em Portugal, o Padre Rademaker escreve em 1856 ao seu superior, propondo a vinda de jesuítas para o auxiliarem na obra do *Instituto da Caridade*.

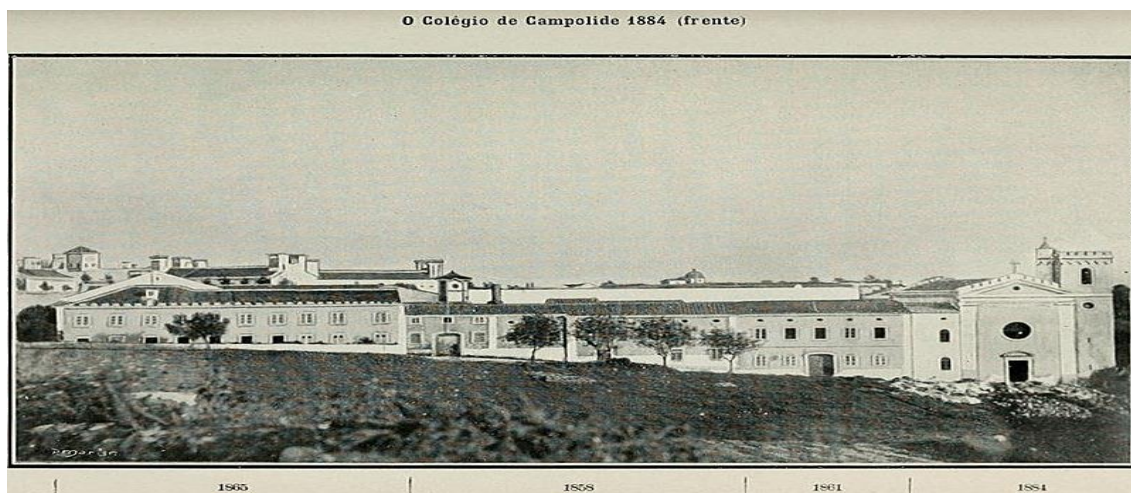
A necessidade de um espaço maior para o Instituto leva-o a comprar com a sua herança em 1858, na região de Campolide, a Quinta da Torre. Aí funda o *Colégio de Maria Santíssima Imaculada*, mais conhecido pelo "Colégio de

## A viagem

---

Campolide”. Inaugurado a 21 de Junho do mesmo ano, rapidamente atrai pela excelência do ensino, os filhos das famílias mais distintas do país, tornando-se numa referência da educação e cultura na 2ª metade do século XIX.

A influência do colégio e o elitismo a que procuram associá-lo faz com que a implantação da república em 1910 leve ao seu encerramento. Na madrugada do dia 5 de outubro, no meio da algazarra da população, são presos o reitor P. Alexandre de Barros e demais religiosos.



O Governo Provisório não perde tempo e, a 8 de outubro, recorre à legislação do tempo de Pombal e de Joaquim António de Aguiar. Com ela os membros da Companhia são novamente “desnaturalizados e proscritos” e obrigados a sair “ para fora do país e dos seus domínios”. Alguns, iludindo a vigilância, conseguem procurar abrigo em Espanha, mas foram muitos os que acabaram por ser encarcerados na prisão de Azeitão e no Forte de Caxias.

A 4 de novembro de 1910 a Companhia de Jesus conhecia a sua terceira expulsão do território nacional.

A fuga leva os jesuítas de Campolide a procurarem asilo na Bélgica. E é nos arredores de Bruxelas, em Jette, Saint-Pierre, que fundam o *Instituto Nun’ Álvres*. Destinado a alunos portugueses e brasileiros, o herdeiro de Campolide abre as portas a 7 de novembro de 1912.



### **Jette, Saint-Pierre**

A estadia tranquila na Bélgica acaba por ser interrompida com o deflagrar da Grande Guerra em 1914. No dia em que se comemorava o 1º centenário da Restauração, o colégio é ocupado pelas tropas alemãs. Obrigados a novo êxodo, procuram a Espanha neutra e também a proximidade do nosso país. Na Província de Pontevedra fixam residência e o Instituto passou a designar-se por *Nun' Alvres*.



### **Los Placeres**

Dois anos volvidos, surge a oportunidade dos jesuítas portugueses, arrendarem um imóvel que ficara vago, até então ocupado pelos jesuítas espanhóis, numa pequena povoação frente a Caminha. O Instituto *Nun' Alvres* instala-se assim, a partir de 1916, nas imediações de *La Guardia*.

Com 50 alunos portugueses, o colégio abre as suas portas a 11 de outubro de 1916. A crescente procura faz com que em 1927 tenha preenchidas todas as vagas.

## A viagem

---



### La Guardia

Nos finais da década de 20, a Espanha vive um período de convulsões políticas que terminam com a Implantação da República em Abril de 1931. Com um ideário anticlerical, torna-se cada vez mais difícil aos portugueses atravessar a fronteira. O ponto final, nestes dias de intranquilidade, dá-se com o decreto de 23 de Janeiro de 1932, que ordena dispersão das comunidades religiosas. A saída de Espanha dá-se a 6 de fevereiro de 1932 e com ela surge a necessidade de procurar instalações em Portugal. A escolha recai num antigo Hotel das Caldas da Saúde, perto de Santo Tirso.

Terminava a viagem do antigo *Colégio de Campolide* por terras estrangeiras.

Tornava-se, entretanto, premente a edificação de um colégio na capital. É com esse intuito que o Provincial da Companhia, Padre Tobias Ferraz, compra, em 1947, a quinta da Alameda, pertença da família Stromp, na Alameda das Linhas de Torres. O colégio chamar-se-ia S. João de Brito, para assinalar a canonização do santo em Junho daquele ano.

Preparado o solar da quinta, o colégio é oficialmente constituído a 28 de outubro tendo por vice-reitor o P. Joaquim Eça de Almeida que acompanhado pelo, P. Angelino Barreto e pelos escolásticos José Antunes e Luís Ferreira da Silva abre portas a 3 de novembro de 1947. Por só muito em cima do arranque do ano escolar ter o colégio os documentos necessários, impossibilitou a sua divulgação e, por isso, apenas contava com 11 alunos.

## A viagem

---



Grupo fundador, 1947/48

A crescente procura tornava as instalações exíguas. Urgia por isso, a construção de um colégio de raiz com o espaço necessário aos novos desafios. Com esse fim, é pedido ao arquiteto Licínio Cruz um projeto que acaba por ser aprovado em 1950.

A primeira pedra é colocada a 7 de outubro de 1950 e um ano depois inaugurada a 1ª fase da construção com o reitor P. João Cabral. A bênção do novo edifício coube ao Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira. À cerimónia compareceram 600 convidados, dos quais se destacaram o P. Júlio Marinho, Provincial dos jesuítas em Portugal, os bispos de Beja e Macau, para além de membros do governo e autoridades civis e militares.

O colégio dispunha de um campo de jogos, ginásio, capela, jardim e todas as dependências necessárias aos 225 alunos aí matriculados.

O plano da construção avançou paulatinamente. A 1 de Junho de 1964 iniciou-se a construção da 2ª fase do edifício sendo inaugurada a 3 de abril de 1965.